

De 18 a 25 de janeiro, celebra-se a **SEMANA DE ORAÇÃO PELA UNIDADE DOS CRISTÃOS**, iniciativa ecumênica em que os cristãos de todo o mundo, pertencentes a diversas tradições e confissões, reúnem-se espiritualmente em oração pela unidade da Igreja.



# A UNIDADE DOS CRISTÃOS

**I**NCIADA OFICIALMENTE PELO REVERENDO EPISCOPAL PAUL WATTSON em Graymoor, Nova York, em 1908 como OITAVÁRIO PARA A UNIDADE DA IGREJA, é realizada todos os anos entre **a festa da Cátedra de São Pedro e a da Conversão de São Paulo**. No hemisfério sul, onde janeiro é um período de férias, as igrejas celebram a Semana de Oração noutras datas, por exemplo no tempo de Pentecostes – como sugerido pelo movimento Fé e Constituição em 1926 – período igualmente simbólico para a unidade Igreja.

**APRENDEI A FAZER O BEM, BUSCAI A JUSTIÇA** (Is 1,17) é o tema da Semana de 2024, escolhido por um grupo local dos Estados Unidos da América (EUA) convocado pelo Conselho das Igrejas de Minnesota, que preparou o subsídio para a animação da semana. A comissão internacional nomeada conjuntamente pelo **Dicastério para a Promoção da Unidade dos Cristãos** e pela Comissão Fé e Constituição (*Conselho ecuménico das Igrejas*), reuniu-se com os delegados do Conselho das igrejas de Minnesota em Bossey, na Suíça, de 19 a 23 de setembro de 2021.

**O grupo local que redigiu o folheto** é composto por representantes do clero de Minnesota, pertencentes a gerações diversas, e líderes leigos que trabalharam na linha de frente nas questões raciais, empenhados na região no cuidado espiritual e comunitário.

São homens, mulheres, mães, pais, representantes de diversas experiências de culto e expressões espirituais, tanto dos povos indígenas dos Estados Unidos quanto das comunidades imigrantes, com diversa capacidade de narrar e elaborar sua própria história. **Esta diversidade permitiu uma profunda reflexão e uma experiência de solidariedade enriquecida por muitas diversas perspectivas**, na esperança de que a sua experiência pessoal de racismo e descrédito possa servir de testemunho da desumanidade de que possam apresentar-se capazes os filhos de Deus nos confrontos com o seu próximo. E com o profundo desejo interior de que, como cristãos que incarnam o dom de Deus da unidade, apontem-se e se erradiquem as divisões que impedem de compreender e experimentar a verdade da comum pertença a Cristo.

**O tema da Semana de Oração 2024**, retirado do livro de Isaías, é de grande atualidade: Isaías ensinava que Deus pede retidão e justiça, em cada momento e em todas as dimensões da vida. O mundo de hoje repropõe, de muitas maneiras, os desafios da divisão que Isaías enfrentou na sua pregação. A vontade de Deus de criar uma nova humanidade “*de cada nação, povo, tribo e língua* (Apo 7,9) apela à paz e à unidade que Ele sempre quis para a criação.

O subsídio da semana atualiza assim a passagem: “Isaías, no seu tempo, desafiou o povo de Deus a **aprender a fazer o bem juntos**; a buscar juntos a justiça, a ajudar juntos os oprimidos, a proteger os órfãos e defender as viúvas juntos. **O desafio do profeta aplica-se também a nós hoje: como podemos viver a nossa unidade de cristãos para enfrentar os males e as injustiças do nosso**

*tempo? Como podemos empenhar-nos no diálogo e crescer na recíproca consciência, na compreensão e partilha das experiências vividas? A nossa oração e o nosso encontrar-nos com o coração têm o poder de nos transformar, como indivíduos e como comunidade. Abramo-nos à presença de Deus em cada encontro nosso, enquanto pedimos a graça de ser transformados, de dismantelar os sistemas de opressão e de curar do pecado do racismo. Juntos, empenhemo-nos na luta pela justiça em nossa sociedade. Todos nós pertencemos a Cristo”.*

Depois do *Angelus* de domingo, 7 de janeiro de 2024, o Papa Francisco, recorrendo este tempo ecumênico, anunciou um novo evento:

*“Agradecemos ao Senhor que com fidelidade e paciência guia o seu povo rumo à plena comunhão, e pedimos ao Espírito Santo que nos ilumine e sustente com os seus dons. O caminho para a unidade dos cristãos e o caminho de conversão sinodal da Igreja estão ligados. Por isso, aproveito esta ocasião para anunciar que sábado, 30 de setembro próximo, na Praça São Pedro, acontecerá uma Vigília ecumênica de oração, com a qual confiaremos a Deus os trabalhos da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos. Para os jovens que virão à Vigília haverá um programa especial em todo aquele fim-de-semana, preparado pela Comunidade de Taizé. Desde já, convido os irmãos e irmãs de todas as confissões cristãs a participar desta reunião do Povo de Deus”.*

No dia 25 de janeiro de 2024, no encerramento da semana dos cristãos, o Santo Padre celebrará as Segundas Vésperas na Basílica de São Paulo Fora dos Muros, em Roma. Além disso, o Papa Francisco, o Arcebispo de Canterbury e o Moderador da Assembleia Geral da Igreja da Escócia farão **uma peregrinação ecumênica pela paz no Sudão do Sul, de 3 a 5 de fevereiro de 2024.**

# a Unidade dos Cristãos

**N**este dia do OITAVÁRIO DE ORAÇÃO PELA UNIDADE DOS CRISTÃOS, seja-me permitido recordar a palavra de Paulo aos Efésios: «Um só Senhor, uma só Fé, um só Batismo» (4,5). Porque ela refere a condição essencial, mas também o horizonte de todas as Igrejas Cristãs.

Por paradoxal que pareça, condição e horizonte. Condição porque todos confessamos como Senhor unicamente a Jesus Cristo e estamos marcados pelo Batismo, o sinal da Água e do Espírito; no entanto, partidos e divididos em fraturas reais, também perspetiva a não perder, Graça a que é preciso ser fiel.

Eu explico melhor:

Mais que uma condição, a Unidade é para a Igreja uma Vocação, um dom do Espírito capaz de se receber unicamente no fim de um processo de fidelidade e conversão: «esforçai-vos por conservar a Unidade que vem do Espírito» (Ef 4,3), recomendava Paulo.

Porque, sem a Unidade, a Igreja está partida, fraturada, dividida nos seus membros. Mas, assim como o organismo reconstrói a união relativamente ao braço fraturado, consolidando-o e restituindo-lhe capacidades, assim a Igreja dividida tende à Unidade cujo refazer é certamente longo e doloroso (É talvez necessário pôr «gesso»).

É uma vocação, é uma tarefa para a Igreja, a Unidade, tarefa e vocação de toda a Igreja, não só nem principalmente das hierarquias.

Em toda e qualquer Igreja cristã, construir a Unidade é ser fiel à vocação batismal, tanto quanto o perdê-la foi a consequência de processos históricos, e sempre mútuos, de pecado e infidelidade; construir a Unidade é ser fiel à vocação batismal: «Levai vida digna da vocação a que fostes chamados»; «vivendo em paz com os outros, conservai a Unidade» (Ef 4,1 e 3).

É necessário, Irmãos (evangélicos ou protestantes, romanos ou metodistas, todos) que cada um

seja fiel a esta vocação a que pelo Batismo somos chamados e que implica necessariamente ser Senhores da Natureza cujo domínio e submissão nos foi confiado (Gn 1,28), e Construtores deste Mundo (Humano e Social) de que somos Sal e Fermento (Mt 5,13 e 13,33), Sinal de uma Nova Humanidade a quem é exigido, como antecipação do Reino e norma de Vida, o Mandamento Novo e original do Amor Fraternal (Jo 15,12).

Quando esta espantosa vocação de Salvação do Mundo e do Tempo for real e plena, em qualquer Igreja Cristã, seja ela qual for, em que Tempo ou em que Espaço, então a Igreja Será Uma, a Unidade uma realidade, então verdadeiramente haverá «um só Senhor, uma só Fé e um só Batismo», então seremos «Um como o Pai e o Filho são um», então serão ridículas as separações e ricas as diferenças legítimas, porque grande se entenderá a Tarefa, urgente a Missão, imenso o Mundo a salvar, sedento e faminto o Homem a quem anunciar a Boa Nova de Jesus Cristo.

E os acordos institucionais, hierárquicos e teológicos, surgirão depois (não é verdade que os «desacordos institucionais surgiram também só depois de a Unidade estar efetivamente fraturada no Povo de Deus?) surgirão depois os acordos institucionais - dizia - como fruto maduro de uma Unidade real, respeitadora

dos dons próprios de cada Igreja, já que nenhum período histórico nem nenhuma realização concreta pode conter toda a riqueza do projeto eclesial de Jesus Cristo.

Perdidos num país «provinciano» de maioria católica esmagadora (e «não praticante»), quase nenhum contacto com outras Igrejas cristãs, sobretudo no Norte, nos enriquece para o Diálogo, procura fraterna da Comunhão, condição da Paz.

Se entre nós próprios a capacidade de Diálogo é tão inexistente, a nível de comunidades, a nível de Hierarquia/Leigos, Administração Diocesana / Agentes e Unidades de Pastoral, Bispo / Presbitério..., tudo isso gerador de «igrejas-campanário», qual o mais altaneiro, o mais defendido, o mais rico, o mais vistoso, orgulhosos todos da sua sombra (tanto maior quanto mais baixa a fonte de luz!), como cresceremos para o Diálogo com nossos Irmãos na Fé em Jesus Cristo, batizados como nós na Água e no Espírito Santo, embora não em união plena por força de incompreensões e pecados históricos?

E, no entanto, a preocupação ecuménica, concretizada sobretudo a partir dos anos 20 deste século, nascida nomeadamente nos seios protestante e anglicano, marcará certamente a vida das Igrejas do final deste 2º milénio, ela que esteve tão presente a todo o Concílio Vaticano II.

Entre nós, este «vento» do Espírito não tem praticamente chegado a levantar-se. E não fora a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos que todos os anos se celebra entre 18 e 25 de Janeiro, e o Ecumenismo seria ainda mais claramente letra morta entre nós: uma semana de alguma coisa e depois 51 de coisa nenhuma. É de resto o sinal de que «irmãos separados» são não só os que assim designamos, como também nós próprios que de todos vivemos efetivamente separados.

No Banquete dos Cristãos falta o Vinho da Unidade: cada qual bebe o seu, «fino» talvez, mas não em comum, o que em todos deixa este travar avinagrado de Divisão e Separação.

Ou nós merecemos este Vinho novo, o Melhor, guardado até agora, ainda não saboreado, reservado para o Fim da Festa, isto é, ou somos a Igreja do Futuro chamada às grandes tarefas da reconstrução da Unidade perdida, ou havemos de ser julgados pela História que de Vinho tão fino apenas soubemos fabricar vinagre!

Pe. ARLINDO DE MAGALHÃES  
(Homilia para 2º Domingo do Tempo Comum, 1986-01-19).

In *UM POVO A CAMINHO I*,  
Comunidade da Serra do Pilar –  
1992, pp 116/119.

# Comunidades feitas de lugar e de tempo

A TRADIÇÃO CRISTÃ ORIENTAL, neste caso teologicamente mais rica que a do Ocidente, reunia no mesmo quadro da Epifania a natividade de Jesus, a adoração dos magos, o batismo no Jordão e as bodas de Caná, lugares ou momentos diferentes da *apresentação* e *manifestação* de Jesus, que é o que quer dizer a palavra *epifania*. Nós, os ocidentais, entretanto, partiríamos em quatro fatias episódicas - a Natividade (25 de Dezembro), a Apresentação aos Magos (Epifania), o Batismo no Jordão e o Sinal de Caná - esta unidade mistérica (a manifestação de Deus em seu filho Jesus), fazendo da Epifania o *dia de Reis*.

Seja como for, a Igreja celebra hoje ou no dia 6 de Janeiro (nos países onde se conserva o feriado) a manifestação do filho de Deus e de Maria como enviado do Pai. A Epifania é, portanto, o coroamento do Natal. O nascido é o *Enviado do Pai* (Gl 4,4), o Senhor, Messias e Cristo, ele e a sua continuação no tempo, a Igreja - *um Natal continuado* (Möhlner) - que é o seu corpo (místico), a Igreja que somos. Nós somos - hoje - a epifania de Jesus. Uma epifania ridícula, às tantas pobre, mas no fundo não muito diferente da primeira, um pobre menino *enfaixado em panos e reclinado numa manjedoura*. Nós somos

a epifania de Cristo, aqui, neste lugar e neste tempo, como ontem e hoje noutros também, *luz do mundo que não se esconde para se meter debaixo da mesa, antes se coloca em cima dela para alumiar a todos os que estão em casa* (Mt 5,14). É toda a questão da visibilidade da Igreja, Sacramento do Reino para o Mundo, de cuja natureza faz parte o ser visível e eficaz. Sem visibilidade e eficácia não há Igreja. Mas muito cuidado com o triunfalismo!

Quaisquer que elas sejam, a Igreja de Jesus concretiza-se em comunidades. Feitas de lugar e tempo, é a comunhão das comunidades de Jesus que realiza a Igreja católica. É o que as une que faz a Igreja. *A Igreja é uma só, embora abranja uma multidão, pelo contínuo aumento da sua fecundidade. Assim como há uma só luz nos muitos raios do sol, uma só árvore em muitos ramos, um só tronco de muitas raízes tenazes, muitos rios de uma só fonte, assim também esta multidão guarda a unidade de origem, se bem que apareça dividida por causa da inumerável profusão dos que nascem. A unidade da luz não comporta que se separe um raio do centro solar; um ramo quebrado da árvore não cresce; cortado da fonte, o rio seca imediatamente. Do mesmo modo a Igreja do Senhor, como luz derramada, estende os*

*seus raios a todo o mundo, e é uma única luz que se difunde sem perder a própria unidade. Ela desdobra os ramos por toda a terra com grande fecundidade; estende-se ao longo dos rios com toda a liberalidade e, no entanto, é uma na cabeça, uma pela origem, uma só mãe imensamente fecunda. Nascermos todos do seu ventre, somos todos nutridos com o seu leite e todos animados pelo seu espírito* (São Cipriano, séc. III, *Sobre a Unidade da Igreja*).

Mas fique muito claro - nunca será por demais repeti-lo - que a comunidade cristã não depende da vontade ou capricho dos homens: a comunidade tem a sua razão de ser em Deus. É Ele quem a chama e convoca. Ele quis, por decisão livre e generosa, reunir os homens dispersos (Lc 9), fazer-nos seus filhos (Ef 1,5; Rm 8,29) e irmãos uns dos outros (Mt 23,8-9); foi Ele o primeiro a demonstrar que nos ama (1 Jo 4,19). A iniciativa é sempre de Deus: ele quis, quer e continuará a querer, ou não, que a comunidade simplesmente seja.

A comunidade não depende nunca do humano querer ou do esforço resultante de humanas decisões e opções. A comunidade é, antes, uma espécie de resposta humana a um apelo de Deus.

Nós somos, portanto, convidados e chamados porque ele nos escolheu (Ef 1,11). A comunidade é a oportunidade maravilhosa que Deus nos deu de nos acolher como filhos - sermos filhos no Filho (Jo 1,12) - e de manifestarmos e viver-

mos a fraternidade entre todos os homens (Mt 23,8).

A comunidade não é pois uma realidade material, manipulável e governável por simples intervenção humana, esquecendo que se trata de uma realidade misteriosa e sacramental. Ou seja ainda: a **per-tença** à comunidade não resulta sem mais de uma simples e des-comprometida decisão, porque a comunidade cristã (como outra qualquer, aliás) tem **referências** que lhe são essenciais (sobretudo a Jesus e seu Evangelho). Para per-tencer à comunidade exige-se o mesmo que se pedia aos antigos para serem filhos de Abraão, a fé; e, por isso, quando os filhos de Abraão se calavam gritavam as pedras (Lc 19,40) porque até de uma pedra pode nascer um filho de Abraão (Lc 3,8).

Para pertencer à comunidade é necessário valorizar devidamente e sempre as suas referências *constitu-cionais*, afirmadas de maneira tão clara nas normativas comuni-dades cristãs primitivas que é pre-ciso descobrir até na sua multiforme variedade e riqueza: *eram assí-duos ao ensino dos Apóstolos, à partilha fraterna, à fração do pão e à oração* (Act 2,42).

Ao longo da História da Igreja, dos lugares e dos tempos, vários foram os estilos e modelos das comunidades dos seguidores de Jesus: de vida ativa e contemplati-va, missionárias, de inserção, mas-culinas, femininas, etc. Seja como for, para lá das notas acidentais

que são sempre históricas, há dimensões essenciais da comunidade: *A Igreja de Jesus Cristo está verdadeiramente presente em todas as legítimas comunidades locais de fiéis, que, aderindo aos seus pastores, são elas mesmas chamadas Igrejas no Novo Testamento. (...) Nestas comunidades, embora muitas vezes pequenas e pobres, ou dispersas, está presente Cristo, por cujo poder se unifica a Igreja una, santa, católica e apostólica* (LG 26).

Desde logo, as **relações de fraternidade**: na comunidade, a vinculação de todos e cada um a Deus exige a vinculação horizontal a todos os mais que o Pai elevou à categoria de filhos mas a quem exige que vivam como irmãos. Depois a **celebração da fé**, momento culminante e fonte da vida cristã. À celebração, junte-se a **oração**, respiração e alimento da fé. Finalmente, a importância do **compromisso** com a própria comunidade e com o Mundo envolvente (disponibilidade, serviço, corresponsabilidade, especial atenção aos outros e compaixão, etc).

*A comunidade para mim ou eu para a comunidade?* Há muito sabemos - e por vezes esquecemos - que à Comunidade ninguém tem direito de exigir seja o que for, mas à Comunidade todos têm obrigação de dar tudo o que podem.

A comunidade edifica-se com a participação de todos. Deus enriquece-a com dons e carismas que o Espírito confere a todos e cada um dos seus membros (1 Cor 12,11), *para*

*o bem comum* (1 Cor 12,7). E nenhum membro pode ser privado do seu próprio dom e, portanto, nenhum pode ser impedido de o exercitar para o bem da comunidade.

O exercício ativo destes dons leva necessariamente à corresponsabilidade, *uma comunhão orgânica, análoga à de um corpo vivo e operante, caracterizada pela presença simultânea da diversidade e da complementaridade das vocações e condições de vida, dos ministérios, dos carismas e responsabilidades* (CL 20).

Claro que esta participação de todos não quer dizer pura e simplesmente participação ativa, útil. Daqui a importância vital do *ministério da presença* como dizia a *Didascália dos Apóstolos* (séc. III): *Ordena e persuade o povo a ser fiel em reunir-se, a fim de que ninguém diminua a Igreja por deixar de frequentá-la e assim o Corpo de Cristo não fique privado de nenhum dos seus membros.*

A vida não se faz da letra de uma doutrina pura e dura. Mas quando há vida já se pode fixar em linguagem doutrinal a beleza e a verdade do que Deus nos manifesta e a que nós respondemos por uma fé vivida.

Pe. ARLINDO DE MAGALHÃES  
(na Homilia para Domingo da Epifania, 2005-01-02.

In *UM POVO A CAMINHO II*,  
Comunidade da Serra do Pilar -  
2009, pp 124/127.